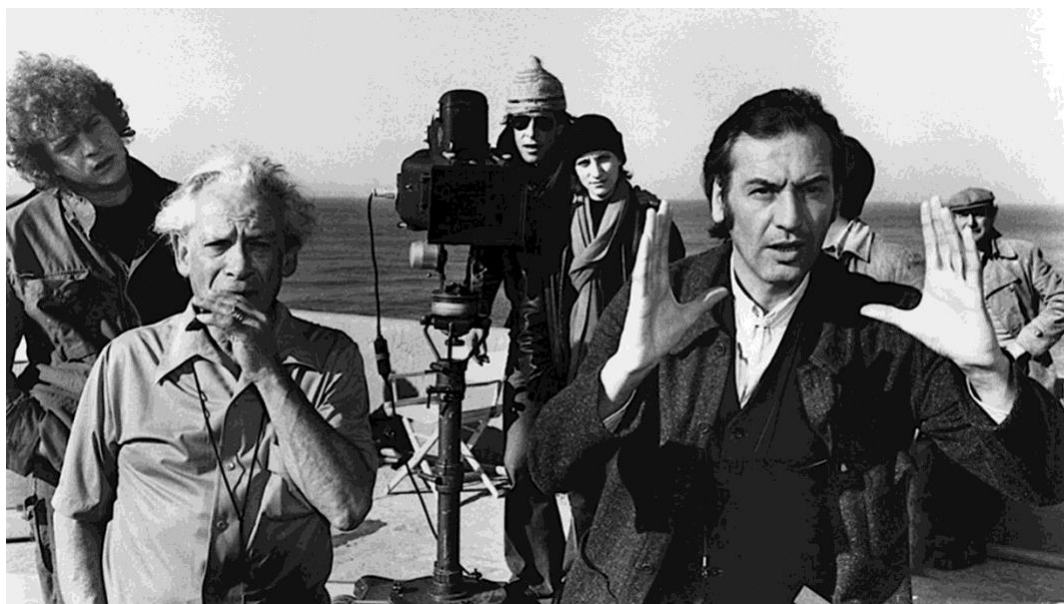


Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade Nova de Lisboa Instituto de Estudos de Literatura e Tradição



O ESTADO DAS COISAS

Movimentos incertos do presente

Seminário aberto

Mestrado e Doutoramento em Estudos Portugueses

24 de Abril de 2024

10h-12h30

Campus Av. De Berna – NOVA FCSH/ C112 (EC)

“Temos uma mensagem comum, acabaremos por nos encontrar.” – ouve-se no início do filme de Wim Wenders, *O Estado das Coisas*. Mais do que uma reflexão sobre um estado, uma condição – a de reféns num hotel à beira-mar -, o filme de Wenders é uma reflexão sobre um processo, sobre como “fazer coisas” no limite do inexecutável, isto é, como filmar, como pensar quando tudo fica em suspenso? O que move um pensamento? O que produz? Que forma de interrupção, que força, que acção? Que tipo de vida o atravessa? “Perguntar é caminhar” – garante João César Monteiro. “Onde e como encontrar?”, “De onde vem?”, “Para onde vai?” são interrogações recorrentes que abrem e desviam caminhos na sua obra. Mas como formular as próprias perguntas? Como caminhar sem cair na tentativa de uma resposta imediata? Como demorar-se na dúvida? Como continuar sem começar? Como fazer do pensamento um exercício das margens, uma maneira de permanecer no limbo, num estado intermédio, larvar? Como não se perder? Ou então, como expor-se à alienação e fazer da perda um exercício de experimentação? O que nos (co)mover quando tudo arde?

Conferencistas: **Beatriz Silva, Dario Pezzella, Pedro Viegas, Teresa Serafim.**

PROGRAMA

10h00-12h30

Teresa Serafim, “Jogar com Fausto – sobre o tabuleiro em direção ao Jogo do Mundo”

Dario Pezzella, “O que a Europa esqueceu?: mito e número em *Aqui Cáucaso* (1963) de Almada Negreiros”

Pedro Viegas, “Uma outra História de Portugal - para uma poética da grandeza em Madredeus”

Beatriz Silva, “A construção do quotidiano na poesia de Inês Dias”

RESUMOS

Teresa Serafim, “**Jogar com Fausto – sobre o tabuleiro em direção ao Jogo do Mundo**”

Fausto é-nos apresentado numa viagem de comboio em direção a El d’Oro. É este o primeiro contacto que temos com o romance de *Doutor Fausto*, de António Vieira: um menino curioso a deslizar numa máquina sobre um tabuleiro. A partir deste tabuleiro, Fausto vai começando a jogar, a assumir os primeiros lances nesse que vai ser o grande jogo que o torna o Doutor Fausto, o Jogo do Mundo. É neste tabuleiro que começarei a jogar com Fausto e a deslindar a sua viagem, viajando também e tendo como principal direção esse Jogo do Mundo. Para tal, durante a minha apresentação no seminário aberto, tentarei desmontar os vários jogos que estão dispostos nesse tabuleiro, jogando-os, tais como: o jogo das sombras do bosque; o jogo de espelhos; os jogos com brinquedos e com as cartas; o jogo da noite; o jogo obscuro com o Outro; o jogo cósmico; o jogo do amor; e o jogo com os sábios. Com estas engrenagens, proponho-me a desbravar os caminhos iniciáticos na viagem até ao Jogo que move o mundo – o Jogo do Mundo. Nesta primeira tentativa de alcançar trilhos até esse Jogo, incluirei nos carris do tabuleiro outros comboios com esse mesmo destino – são eles outras obras de António Vieira, nomeadamente o *Discurso da Ruptura da Noite: Prolegómenos a uma Teoria do Conhecimento Fenomenológico-Dialéctica*, *Ensaio sobre o Termo da História – Trezentos e Cinquenta e Três Aforismos contra o Incaracterístico*, *Poemas sobre a morte a aniquilação e o Jogo*, *Dissonâncias*, *Olhares de Orfeu* e *O Perceber do Mundo – O Ser e o Saber*. Com estes outros meios de alcançar um mesmo caminho, tentarei encontrar sentidos para os jogos que podem levar ao jogo dos jogos, o Jogo do Mundo. No final, apresentarei outros lances no jogo com Fausto, fora e dentro desse tabuleiro, sempre com a missão de chegar ao Jogo do Mundo. Esses lances incluem obras de filósofos e

escritores mencionados em *Doutor Fausto*, os mitos na génese de Fausto e o confronto desse jogo com os desafios da sociedade do século XXI.

Teresa Serafim frequenta o mestrado de Estudos Portugueses, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O tema da dissertação é “Jogar com Fausto – Lances no Jogo do Mundo de Doutor Fausto, de António Vieira”.

Dario Pezzella, “O que a Europa esqueceu?: mito e número em *Aqui Cáucaso* (1963) de Almada Negreiros”

Os escritos teatrais de Almada Negreiros, ainda não trabalhados de forma sistemática, oferecem novas possibilidades de estudos sobre a obra e o pensamento do autor. Neste trabalho irei centrar-me na peça *Aqui Cáucaso* (d.trib. 1963), publicada pela primeira vez em 1971 pela editora Estampa. Com uma génese e uma história editorial fragmentárias, a obra retoma e reformula macrotemas emblemáticos da investigação filosófico-artística almadiana, cuja compreensão permitiria aceder a novas vias interpretativas do texto. Analisando as instâncias em que a mitologia, a aritmética e a geometria são apresentadas por Almada como a porta de entrada para um saber esquecido a redescobrir, veremos como estes conceitos são empregados, não só na obra tal como foi editada em 1971, mas também no corpus de versões e variações identificadas no espólio do autor. Estas reflexões sobre a obra contribuirão também para o debate sobre a necessidade e as modalidades de reedição que o legado artístico deixado pelo autor nos coloca.

Dario Pezzella nasce em Nápoles em 1998. Em 2021, conclui a licenciatura em línguas, literaturas e culturas lusófonas e hispanófonas na Universidade de Nápoles “L'Orientale”. Após uma experiência enriquecedora de mobilidade Erasmus na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, decide mudar-se para a capital portuguesa para continuar os seus estudos na mesma instituição que o tinha anteriormente acolhido. O seu projeto de dissertação visa apresentar uma nova proposta de edição de *Aqui Cáucaso* (1963), peça teatral incompleta de Almada Negreiros.

Pedro Viegas, “Uma outra História de Portugal - para uma poética da grandeza em Madredeus”

Lisboa, 1985. Pedro Ayres Magalhães funda o grupo musical Madredeus, com a intenção de inventar uma música diferente, retratando a alma lusitana, com uma sublime moldura estética e literária. Anos depois, em 1994, o Governo de Portugal endereça um convite a Wim Wenders para realizar um documentário sobre Lisboa – *Lisbon Story* – por ocasião do centenário da história do cinema e, no primeiro encontro com o grupo, o realizador deslumbra-se instantaneamente, desafiando os seus elementos a participar no filme como protagonistas, mas também como responsáveis pela sua banda-sonora. Nessa época, com quatro discos editados – *Os Dias da Madredeus* (1987), *Existir* (1990), *O Espírito da Paz*

(1994) e *Ainda* (1995) – e munido de características absolutamente inovadoras, o grupo torna-se no expoente máximo de difusão da língua portuguesa e portugalidade pelo mundo, quer pela sua composição, estética, teatralidade e temas invocados nas letras das canções imaculadamente interpretadas por Teresa Salgueiro, que representava Lisboa, Portugal, a mulher, a virgem, o amor, o desejo, a virtude da presença, a espera, a ausência, a lembrança, a memória, o sonho e o futuro.

Enquanto o Madredeus se tornava numa máquina de produção de poesia, a sua viagem pelo mundo, de turné em turné, tornou-se um poema. Mas qual o destino dessa viagem? Estaremos perante uma outra História de Portugal, que não ficou escrita nos manuais escolares, e nos revela novas perspectivas sobre o país, alicerçado no poder do sonho? E porque é que hoje se escrevem canções sobre amor, saudade, política, justiça e banalidades, mas se deixou de escrever sobre Portugal? Terá o sonho do Madredeus ficado perdido no seu próprio caminho ou terá sido alcançado? Com esta dissertação tentarei convocar a atenção do meio académico para a riqueza literária presente nas canções cantadas em português, que não integram o cânone literário, e estão, geralmente, reunidas em cancionários, estabelecendo-se uma clara distinção entre literatura e palavras que são escritas para alguém cantar. Esses versos continuam a ser considerados literatura menor, ainda que o seu impacto na realidade tenha, desde há muito, efeitos incomensuráveis. Não há literatura sem memória e se há lugar onde esta tem impacto na vida das pessoas - e nos seus sonhos - esse lugar é na música.

Pedro Viegas nasceu em Coimbra, em 1988, é licenciado em Publicidade e Marketing - com uma pós-graduação em Artes da Escrita - e tem trabalhado como produtor musical e redactor publicitário. Actualmente a frequentar o mestrado de Estudos Portugueses, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, pretende escrever uma dissertação em torno das letras de canções de Pedro Ayres Magalhães, com o título “Uma Outra História de Portugal – Para uma poética da grandeza em Madredeus”.

Beatriz Silva, “A construção do quotidiano na poesia de Inês Dias”

É através desta diáfora que Inês Dias apresenta a sua poesia. Apesar de ser o segundo poema do seu primeiro livro publicado, é o primeiro exemplo da ruína instaurada em todos os seus poemas. De acordo com Friedrich Nietzsche, existe uma «desconfiança absoluta em relação à força organizadora da vontade para o todo» (Nietzsche 36), é através desta desconfiança que a poesia de Inês Dias opera. No entanto, o que é arruinado nesta poesia? A poeta cria um quotidiano próprio para o sujeito poético, de modo a que este viva, e que seja possível uma identificação comum por parte do leitor. Partindo da memória de excelência da infância, e chegando ao presente, *Em Caso de Tempestade Este Jardim Será Encerrado* apresenta-se como uma porta de entrada para as suas obras e a sua poesia. De acordo com Michel de Certeau, o quotidiano reflete-se nas «práticas comuns» (Certeau 35) dos seus viventes, no entanto este não possui uma linguagem própria e por conseguinte a ninguém pertence:

Tal como o dos poetas ou pintores, o saber-fazer das práticas cotidianas não seria conhecido senão pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que

não o possui tampouco. Portanto, não pertence a ninguém. Fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes [artistas, entre os quais poetas], sem pertencer a nenhum. (Certeau 143)

Estas «práticas comuns» são repetidas ao longo de todos os livros, se não poemas, de Inês Dias, com as suas diferenças e respectivas evoluções. O quotidiano erigido no seu primeiro livro/poema/composição/texto não será igual ao último de, por exemplo *Cerveja & Neve* de 2020, a sua última obra publicada. Assim, proponho uma análise desta construção do quotidiano e a sua conseqüente evolução na sua poesia.

Beatriz Silva é Mestranda em Estudos Portugueses, a realizar a sua tese sobre a poesia de Inês Dias (*A Ruína do Quotidiano*). É professora de português na Escola Profissional Gustave Eiffel e participa no projeto: *Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração*.



Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/00657/2020 com o identificador DOI 10.54499/UIDB/00657/2020.